

# É o tempo da pessoa

Assembleia com padre Julián Carrón. São Paulo, 9 de setembro de 2012.

O gesto foi introduzido com dois cantos populares brasileiros: “Timoneiro” e “Caçador de mim”; e a canção italiana “Amare ancora”

**Marco Montrasi (Bracco):** “É o tempo da pessoa. Os acontecimentos e os desafios dos quais a realidade não nos poupa pedem mais do que nunca que cada um de nós diga ‘eu’. É evidente que para poder dizer ‘eu’ é necessário um caminho sem o qual sonhamos estar diante do real sem sermos arrastados pelas circunstâncias”.

Esta era a pergunta e o tema do encontro de hoje, e nós, há alguns meses, estamos trabalhando sobre isso. Fizemos as férias nacionais e também as Escolas de Comunidade sobre esse tema e quisemos lançar esta pergunta a todos para poder colocar aqui, com Julián Carrón, os nossos testemunhos, as perguntas, aquilo que descobrimos dentro dessa aventura. Que significa para nós que chegou o tempo da pessoa? Chegaram vários testemunhos e perguntas, e escolhemos alguns que resumem os demais.



**Otoney (Salvador):** Carrón, quando você colocou a pergunta “qual é a sua consistência?”, pelo modo como você a colocou nos últimos encontros, para mim soou como quando Cristo pergunta aos

discípulos “e vós quem dizeis que sou?”. E eu me senti muito mais próximo dos outros apóstolos do que de Pedro, porque, com honestidade, eu não conseguia dizer que a consistência da minha pessoa, realmente, é Cristo. Por outro lado, eu fico contente porque olhando o caminho que você está fazendo eu me dou conta de que há alguém que responde a Jesus “você é a consistência da minha vida”. Então esse seu testemunho tem sido uma grande ajuda para que eu possa fazer esse caminho. Eu queria aprofundar duas questões. Você afirma que a autoconsciência não é uma introspecção, mas percebo em mim esse risco. Outra questão é a sua afirmação sobre o capítulo X de *O senso religioso*, quando diz que ele é o ponto-chave ao senso religioso, no sentido de que se experimenta o ponto de fuga. Eu gostaria de entender o que é experimentar esse ponto de fuga e o que significa que a autoconsciência não é uma introspecção.

**Carrón:** Boa tarde! Todos nós queremos responder à pergunta que nos faz Otoney: “Quem sou eu?”. Cantamos, há pouco, “eu sou um caçador de mim”. A aventura da vida é descobrir cada vez mais quem sou eu, descobrir o meu

rostro, descobrir para que estou na vida, descobrir quem a realiza. Vemos isso ainda mais claramente quando encontramos alguém a quem amamos. Queremos conhecer quem é: quem és tu? Quem és tu que, ao te encontrar, preenches a vida com a tua presença? Esta é a origem de uma relação na qual queremos cada vez mais conhecer a outra pessoa.

A vida, com o fato de existirmos, com o fato de nos fazer encontrar pessoas, nos desperta a pergunta e queremos conhecer melhor a realidade. É a realidade que nos provoca a buscar uma resposta. Quanto mais algo que temos diante de nós nos interessa, tanto mais se desperta em nós esse mecanismo surpreendente de querer conhecer. Por isso, no capítulo X de *O senso religioso*, Dom Giussani diz que quando alguém encontra a realidade fica tão maravilhado, tão cheio de maravilhamento diante dela – como quando está diante das estrelas, ou diante do mar, como em o “Timoneiro” que cantamos, diante da imensidão da realidade – que se desperta em nós o desejo de conhecê-la. Isto é o que Dom Giussani descreve no capítulo X de *O senso religioso*, por isso ele diz que é a chave do nosso modo de pensar.

Mas o mais apaixonante que queremos conhecer, somos nós mesmos como parte de toda essa realidade. Pois não conseguimos ser tudo o que desejamos, tudo o que queremos sem descobrir aquilo que somos. Então nos sentimos perdidos na realidade e vivemos tateando, tentando descobrir o que nos faz felizes, o que acontece comigo, por que estou triste, por que me sinto sozinho. Estes são os primeiros sintomas que temos em nosso eu, a partir dos quais descobrimos em nós um desejo, um ímpeto de plenitude que não podemos parar.

Dom Giussani nos explicou de uma forma muito simples como isso surge, como nos damos conta disto. Ele diz que, na evolução de uma pessoa, quando é uma criança, o que desperta seu afeto é a presença da mãe. A criança cresce respondendo contente à presença da mãe, responde ao seu sorriso, apegando-se a ela, amando-a. Chega um momento em que, assim que vê a mãe, a criança atira-se em seus braços. Mas quando cresce e chega à adolescência ou juventude, ela percebe que sua mãe já não lhe basta e fica confusa e perdida. Vemos isso ou porque já passamos por essa experiência, ou quando temos um filho >>>

» adolescente, ou quando damos aulas e vemos jovens de 13, 14, 15 anos de idade que parecem confusos. E é como se eles tivessem ainda mais vontade de dizer “o que está me acontecendo? Quem sou eu para que me aconteça isso? Por que me sinto sozinho? Por que já não me basta o que há tempos me bastava: a presença do meu pai e da minha mãe?”. Assim, a pessoa deseja entender a si mesma, porém não lhe basta a introspecção, não lhe basta só entender os sentimentos que fervilham dentro de si, não basta ver por que mudam os estados de ânimo, por que se sente confusa, necessita entender o que lhe acontece, quem é, por que lhe acontecem essas coisas pelas quais passa na vida.

Esse momento da evolução da pessoa é decisivo para nos entendermos. Por que não lhe basta a presença dos pais? Por que não nos bastam, se estão aí e nos amam como antes? Porque a criança cresceu, evoluiu e, em certo momento dessa evolução, percebe que deseja muito mais e que a presença dos pais não lhe basta. E se nesse momento a pessoa não aprende o que está acontecendo, que foi feita para algo maior, então começa a trocar o pai e a mãe por outras coisas, começa a pensar que vão lhe bastar a namorada, os amigos ou o trabalho. E na medida em que experimenta, não lhe basta, porque não entendeu que aquilo que aconteceu é que a evolução nos levou a perceber que fomos feitos para algo muito maior, infinito. E diz Dom Giussani: “O momento da juventude é o momento de Deus, o momento do infinito, o momento do Tu (com T maiúsculo)”. E a partir desse momento de evolução já não voltamos atrás, já se despertou em nós todo o desejo do que somos. E nos damos conta de que a resposta a isso que somos não é uma introspecção, é outra coisa, é reconhecer aquele Tu que nos faz.

E sem descobrir esse Tu, esse Deus que nos faz, esse Deus que o ama tanto e que está lhe dando a vida agora, a vida não tem consistência. Por isso não é só uma introspecção dos nossos sentimentos, mas é reconhecer que nossa vida é feita para Outro e que só se realiza na re-

lação com Outro, e é importante que nós nos ajudemos a entender isso. Porque senão é como se passássemos pela vida de decepção em decepção porque não conseguimos nada que nos baste, já que fomos feitos para o infinito. Santo Agostinho, esse homem que viveu a vida como um caçador de si mesmo, resumiu isso muito bem. Quando alguém leva a sério sua própria vida e participa da aventura de descobrir quem é, nos ajuda e nos acompanha, torna-se nosso amigo, pois nos esclarece o que ainda está confuso. Santo Agostinho diz: “Tu nos fizeste para Ti, Senhor, e o nosso coração estará inquieto enquanto não repousar em Ti”. Enquanto não encontrarmos aquilo para o qual fomos feitos, ou seja, Deus, estaremos inquietos, intranquilos, não encontraremos a paz que só se encontra n'Aquele para o qual nosso coração foi feito.

E é bonito pensar como o Mistério quis criar seres como nós para poder compartilhar conosco a Sua felicidade, porque Deus, que sabemos que é como uma família, Pai-Filho-Espírito Santo, vivia uma plenitude muito grande. Como quando vocês que amam tanto seus maridos e suas mulheres, estão tão contentes que desejam dar a vida a outro ser, porque querem que outro ser participe de sua felicidade. Foi isso o que aconteceu com Deus. Ele estava tão contente com o que vivia, com a felicidade que vivia, que quis compartilhar isso com alguém e por isso não lhe bastou fazer toda a imensidão da realidade com todas as estrelas, com todas as montanhas, com todos os pássaros, com todos os animais, pois Ele não poderia compartilhar com eles toda a felicidade que vivia, e por isso disse: “Não! Preciso criar outra coisa, um ser com um desejo tão grande que possa conter toda a felicidade que eu vivo, como um recipiente tão grande que possa receber toda a felicidade que eu lhe quero dar; tem que ser infinito, tem que desejar infinitamente, para que caiba tudo o que eu quero lhe dar”. Por isso nos fez com esse coração que não se conforma com nada, que não se contenta com nada! Nós achamos que ter um coração assim grande seja uma desgraça porque, como nada nos



basta, parece que é uma desgraça desejar tanto. Por isso enquanto não descobriremos que esse desejo tão grande é para nos fazer muito mais felizes do que qualquer coisa que encontrarmos, continuaremos procurando, continuaremos à caça de nós mesmos.

Mas Deus nos fez para sermos partícipes dessa plenitude, dessa alegria, desse gozo, dessa abundância que se derramava do Seu coração. Foi por amor que nos fez com esse coração que não se contenta com nada. Por isso eu desejo que cada um de vocês possa descobrir isso, pois a vida é outra coisa quando se descobre isso. Assim a pessoa começa verdadeiramente a viver, começa realmente a desfrutar a vida!

Há alguns meses eu estava em Milão e tomei um táxi. Normalmente não uso táxi, mas dessa vez usei e encontrei um taxista que era como um teólogo, estava lendo um livro de teologia. Começamos a conversar, ele não sabia que eu era padre. Em certo momento, começamos a falar sobre a liberdade. Ele estava escandalizado, como tantas vezes nos acontece, com o fato de que o Mistério permitiu a liberdade, portanto o mal. Quando nós, que fomos feitos para esse Mistério, dizemos não a Ele, ficamos tristes. Assim como o filho pródigo. A parábola do filho pródigo mostra que o Mistério nos criou em uma casa, com um pai e nós como filhos. Chega um momento em que nos vem à cabeça que seríamos mais felizes se saíssemos de casa. Saímos de casa para procurar a vida, até que acabamos, como conta a parábola, comendo com os porcos, tristes e sozinhos. Então o filho pródigo quando se vê com os porcos, triste e sozinho diz: “Mas eu, na casa de meu pai, vivia muito melhor!” Daqui lhe nasce uma tremenda vontade de voltar para casa. Até voltarmos para casa passamos por muitos momentos de solidão e ficamos perdidos. Então eu lhe dizia: “Como Deus pode criar um ser que corre o risco da liberdade, que pode se perder, pode desejar ir embora de casa, que sofre por ir embora e fica perdido? Isso nos escandaliza como se Deus fosse culpado disso”. O taxista estava escandalizado com isso também e, conversando, perguntei-lhe: “Do que o senhor gostaria mais? Que sua mulher o amasse livremente ou obrigada, como se tivesse sido feita com um mecanismo biológico que não permitisse não amá-lo, um mecanismo como o que faz os pássaros cantarem, os cães latirem? O que prefere? Que sua mulher o ame livremente ou mecanicamente? Pois se ela o ama mecanicamente, o senhor não corre nenhum risco de que não o ame, de que vá embora e assim estará mais seguro”. Ele me respondeu: “Eu gostaria mais que ela me amasse livremente”. E eu lhe disse: “E o senhor acha que o Mistério que fez tudo tem menos gosto que o senhor?” O Mistério que fez todas as coisas, Deus que fez todas as coisas, que poderia criar outras estrelas, outros cães, outros pássaros e outras árvores e outras montanhas e

outros mares e outros peixes... que girassem mecanicamente pelo universo como as estrelas e ladrassem mecanicamente como os cães... o Mistério também gosta mais que o amemos livremente, prefere correr o risco de que O amemos livremente e por isso nos criou com esse desejo e com essa liberdade. Para nós, é muito mais interessante sermos correspondidos pela pessoa amada do que todos os astros do universo. O mesmo acontece com Deus! Prefere mais alguém que diga “sim, amo-Te livremente” – mesmo que erre muitas vezes – aos tantos astros que cantem Sua glória mecanicamente.

Assim, entender isso não é só uma introspecção, é entender a realidade, entender o que é o meu eu e qual o meu lugar na realidade. Até entender para que estamos aqui, por que Deus nos fez com esse desejo infinito, por que Ele corre o risco da nossa liberdade e por que é um caminho encontrá-Lo, nós estaremos constantemente à procura daquilo para o qual fomos feitos.



**Sílvia (São Paulo):** *Eu queria contar um pouco de que tem significado esse trabalho sobre o eu, e como você tem nos ajudado a fazer esse caminho de partir do eu e vencer a distância entre o nosso coração e Cristo. Têm acontecido muitas coisas grandes na minha vida, desde que eu entendi que o problema é o meu coração que se abre para encontrar Cristo que já está na realidade. Então, com os meus alunos, tenho encontrado uma vivacidade e uma beleza; o meu marido está começando uma nova fase de trabalho aos 54 anos com muita liberdade e simplicidade, e está sendo um testemunho para as pessoas que estão perto dele, movendo algumas delas; uma pessoa da nossa Fraternidade está muito doente e um médico da nossa Fraternidade está cuidando dela. Presenciar isso é ver Cristo cuidando de uma pessoa, claramente, significa tocá-Lo com a mão. Mas tem um fato que me impressionou muito, ultimamente, que é o encontro com uma amiga de 30 anos atrás que sempre viveu uma grande busca por Deus, por um sentido na vida, mas nunca aceitou o caminho de vir para o Movimento, embora eu a tenha convidado muitas vezes. Um ano atrás nos encontramos, ela havia descoberto uma doença e veio conversar comigo perguntando: “Como você pode dizer que existe Deus, que Deus é bom, se a realidade é esta?”. Eu tinha entregue a ela uma revista na qual você dizia que a realidade é sempre positiva. Ela me disse que não sabia como a realidade poderia ser positiva numa situação como a dela. Eu disse a ela que tudo era muito misterioso e que somente poderia convidá-la para estar com os meus amigos e que juntos descobriríamos isso, porque eu não consigo responder a isso. Ela começou a participar de um grupo de professores ➤*

» e desde a primeira reunião, na sede do Movimento, ela dizia que se sentia muito bem e pediu que a reunião pudesse ser feita numa casa de eventos culturais que ela tem. Assim temos feito as reuniões lá. Ela me disse que muitas vezes seus amigos perguntam se ela está louca, andando com padres e com gente católica, e respondeu que não sabe ao certo o que é, mas ao estar com eles percebe-se descansada. “Quando estou com eles eu repouso como em nenhum outro lugar”. Convidei-a para ir às férias, ela aceitou o convite e foi. Lá, ela me disse que o que mais gostou de ver entre nós foi o olhar. Ela dizia: “Vocês olham para as coisas de verdade, vocês não tiram o olhar e há algo nesse olhar, no olhar dessas pessoas, para mim, que parece ser uma amorosidade, mas não é uma coisa melosa, é estranho mas muito bonito olhar assim”. Diante desses fatos grandes, para mim fica muito claro que é Cristo que está acontecendo aqui na minha frente, já que isso é absolutamente impensável para mim, excepcional. Mas eu quero ser ajudada a fazer esse caminho, a dizer que é Cristo aqui na minha frente para eu não perder nada do que está acontecendo.

**Carrón:** É impressionante que uma pessoa, uma amiga que ela não via há 30 anos, depois de tanto tempo continue à caça de si mesma, continue participando da aventura de descobrir o que faz com que a vida possa ser vida, possa ser positiva. O Papa disse numa mensagem que enviou para o Meeting de Rímini que o homem foi feito para o infinito e essa busca do homem não cessa, não se detém nem sequer depois do pecado original que, de certo modo, feriu o coração do homem. Diz o Papa: “Mesmo depois do pecado, porém, permanece no homem o desejo sofrido desse diálogo (...), diz o salmo (...) ‘Minha alma tem sede de vós, minha carne vos deseja com ardor, como terra sedenta e sem água’”. E o Papa diz que cada fibra do meu ser foi feita para encontrar Aquele para o qual fomos feitos, e essa tensão, esse desejo, essa ânsia é indelével no coração do homem. E isto vemos em nós e nos outros. Depois de trinta anos continua buscando, continua à caça de si mesma. E nesta busca cheia de afã, se a pessoa não encontra aquilo para o qual é feita se perde, diz o Papa, se contenta com falsos infinitos e procura, como vemos na sociedade de hoje, nas drogas, na sexualidade, na tecnologia ou em outras formas enganosas de respostas, em tantas coisas que não conseguem responder a essa busca. Então o Papa diz: “O que nós somos, a natureza do que somos é que fomos feitos para o infinito”; e depois se pergunta: “É possível ao homem encontrar esse Infinito? Podemos experimentar isso que desejamos encontrar?”. Mais ainda: “Não parece ser impossível ao homem desejar viver à altura de sua natureza?”. Nós, que somos tão pequenos, como podemos viver à altura do desejo infinito? Como podemos alcançar esse desejo tão infinito sendo tão nada que basta ficarmos doentes para ver toda nossa fragilidade, toda nossa fraqueza? Como podemos fazer isso?

A amiga de Sílvia nos disse: se observarmos como o Mistério se faz encontrar. Basta encontrar alguém que tenha encontrado esse Mistério, que tenha feito a experiência desse Mistério. Porque o Infinito, Deus, para que O pudéssemos reconhecer e fazer experiência d’Ele, já que nós não podíamos chegar até Ele, diz o Papa, eliminou a distância que nos separava d’Ele para podermos tê-Lo perto de nós. Neste verão, na Itália, um amigo contou que durante a aula na universidade o professor propôs esta pergunta: “Você viu Deus?”. Alguém respondeu e os outros começaram a rir. Como quando o primeiro astronauta russo foi ao espaço e disse ter visto Deus. Por isso o professor perguntava aos estudantes como poderiam afirmar que viram Deus. Esta é uma pergunta que os outros nos fazem e que nós nos fazemos, já que as perguntas dos outros são as nossas perguntas. E a amiga da Sílvia fez também, perguntando como se pode dizer que Ele existe. Em que sinais você pode reconhecer Deus? E Sílvia, em vez de explicar-lhe com uma teoria, com um raciocínio, diz: “Venha comigo para você tocar com a mão”. E convida-a para um lugar como o nosso. Ela, por sua vez, afirma: “Eu aqui me sinto em casa, me sinto bem, estar assim na vida me corresponde, responde a toda exigência de felicidade e a todo o bem que o meu coração deseja”. E quando ela contou a outros amigos, estes exclamaram que ela está louca por ficar lá com os padres. Mas ela responde simplesmente como Santo Agostinho: “Podem dizer o que quiserem, mas eu com eles descanso”. Assim como Santo Agostinho que diz: “Fizeste-nos, Senhor, para Ti e o nosso coração estará inquieto enquanto não repousar em Ti.” Então, quando descansamos, quando encontramos um lugar onde temos repouso, podemos experimentar que aí está Deus! Como dizia Jesus: “Venham a mim todos os que estão cansados e eu os aliviarei”. E O procuravam, porque quando estavam com Ele acontecia algo misterioso que lhes dava repouso, encontravam a paz. E por isso se perguntavam: “Quem és Tu com quem a vida tem repouso, paz?”; “Eu sou Aquele para o qual você foi feito, eu sou o Filho de Deus, eu sou Aquele em quem a vida encontra sua resposta”. E como sei que Jesus está falando a verdade, e não está louco, como disse a amiga da Sílvia? Porque o que Ele diz acontece. Não é verdade porque Ele está dizendo, mas porque estando com Ele, estando em Sua casa, estando no lugar onde Ele está eu repouso. E esta é a forma simples através da qual nós experimentamos Deus: percebemos algo misterioso que acontece e que não podemos identificar, mas que não podemos deixar de reconhecer que repousamos, como essa mulher, amiga de Sílvia. A pessoa volta porque quer participar desse repouso. Por isso digo sempre que o cristianismo se comunica quase por inveja, porque a pessoa vê que o outro está nesse repouso, que está em paz e quer participar dessa paz. Percebe que o outro está contente, que

tem um olhar sobre a realidade que ela mesma não tem e quer participar disto. É como participar de um lugar que me faz bem, onde eu estou bem. Isto é o sinal de que a presença de Jesus continua entre nós. Porque acontecem agora as mesmas coisas que aconteciam há dois mil anos.

Há alguns anos, numa paróquia perto de Madri onde eu estava, encontramos uma senhora que não sabia nada do cristianismo e que começou a participar em um lugar como este aqui; e ela observava o que lhe acontecia estando ali, o bem que lhe fazia, o quão contente estava, os milagres que aconteciam. E depois começou a ir à missa, como nós, e ouvia o Evangelho e seus relatos e dizia que o que acontecia com aqueles, há dois mil anos, era o mesmo que acontece também conosco. Ou seja, aquilo que acontecia com Jesus, que as pessoas iam procurá-Lo porque com Ele a vida se enchia de alegria, adquiria uma intensidade... “é o mesmo que me acontece depois de ter encontrado vocês”.

Eu poderia contar-lhes muitos exemplos assim, como o de uma senhora que tinha sofrido um atentado terrorista na Itália e tinha vinte projéteis alojados em seu corpo por causa disso (havia inclusive uma associação de todas as vítimas daquele atentado). Ela dizia que após anos do atentado ela acordava todos os dias com o drama do que tinha vivido e do que tinham vivido aquelas pessoas que perderam filhos e maridos. Depois ela nos encontrou, encontrou um grupo dos nossos amigos e disse a eles que por 30 anos ela acordava, abria os olhos e lhe vinha todo o horror do atentado e o horror de pensar na vida das vítimas. “E agora, depois que conheci vocês, quando acordo e abro os olhos me vem os rostos de vocês. São os rostos de vocês que, entrando na minha vida, a mudaram. Por isso eu quero sempre voltar aqui, a este lugar que me faz bem” (é como com a amiga da Sílvia). Pois nenhum psicólogo, nenhuma introspecção, nenhuma tentativa que ela tinha feito durante todos aqueles anos tinha conseguido arrancar o horror que havia em seus olhos. Somente uma Presença, a presença de alguns amigos que, a partir de então, começaram a ocupar o espaço do horror. Aí ela começou a viver outra vida. Quando a pessoa deixa entrar a presença de Cristo através da presença carnal, histórica de seus amigos, que somos nós, essas coisas começam a acontecer. E a vida começa a ser vida! Uma vida com os mesmos ingredientes de antes, mas toda transformada por Sua Presença, porque essa Presença determina mais a vida, o sentimento que tenho de mim mesmo – o gosto de viver – do que qualquer outra coisa.



**Cecília (São Paulo):** Há cerca de dois anos, num encontro de responsáveis, entreguei-lhe uma pequena carta em que contava que estava vivendo

uma grave crise familiar e lhe disse: “Vamos ver o que vai nascer disso seguindo o caminho do Movimento”. E eu poderia resumir assim o que vivi: “Tudo foi centuplicado: cem vezes mais dor, cem vezes mais amigos, cem vezes mais ‘eu’”.

Fui obrigada a gritar “eu”, não foi exatamente uma escolha. Mas foi aí que começou a minha salvação. Eu não percebia mais o quanto eu mesma havia desaparecido e como todas as coisas que fazia com muito empenho e sinceridade, como seguir o Movimento, cuidar da família e do magistério haviam se tornado quase uma fórmula. E precisei perder quase tudo: vivi com meu marido um grande afastamento, e eu, que era diretora de escola, alguns meses depois tive que deixar o emprego. Mas minha filha de 15 anos educou a nós dois aflorando um “eu” tão forte, uma capacidade de juízo, uma certeza em Cristo que eu desconhecia. Eu que sempre fui uma espécie de máquina profissional ministrando muitas aulas, coordenando cursos, organizando eventos, parei e fui me perguntar: o que eu quero? E o meu susto foi descobrir que essa era e ainda é uma pergunta difícil de responder e que precisa ser recolocada sempre. Ao ter perdido aquele em quem me apoiava cotidianamente e a segurança profissional que sempre tive, gritei tanto a Nossa Senhora e a meus amigos que comecei a viver uma vida completamente nova. A dor me deu a pobreza, portanto, a liberdade para aprender aquilo que eu pensava já ter aprendido, e o Movimento me deu um caminho que pude experimentar novamente pela convivência profunda e extensa com minha Fraternidade. Isso já seria surpreendente, mas percebi também que a crise conjugal se mostrara, de fato, uma preciosa oportunidade para minha salvação. E ainda que eu não estivesse completamente perdida, vivi uma espécie de upgrade de vida que nem sabia que existia! Era o cêntuplo que recomeçava.

O mais interessante é que não foi porque eu decorei os passos de todas as Escolas de Comunidade, mas porque – sabendo os passos – me disponibilizei a vivê-los e, com a memória de uma amizade misericordiosa, paciente e única dos meus amigos, pude ver Cristo me chamando e cuidando de mim por todos os lados. Essa memória viva mudou tudo: mudou meu jeito de olhar o marido, o trabalho e os filhos. E tudo começou a voltar para o lugar: o primeiro foi o próprio marido que pôde ver uma outra esposa que recuperava o olhar de João e André em si mesma. Eu havia descoberto na experiência (na teoria, eu já sabia) que o maior sabor era a doce Presença e assim a re- aproximação do marido era boa, não só porque era o meu amado que voltava, mas porque era Cristo que falava comigo naquele homem e isso gerava não só um amor muito maior por ele como também me libertava da necessidade que ele fizesse as coisas que eu queria, entrava uma brisa, o sufoco desaparecia. ➤➤

» Isso tudo gerou uma revolução poderosa em mim. (...) Agora vejo que Deus chama a cada um incessantemente e eu não preciso ficar tecendo a realidade, é Deus quem faz isso por mim. E isso eu tenho aprendido fortemente tendo o privilégio de ver como o padre Julián de la Morena se move, particularmente, em um grupo de professores interessantíssimo que temos, sempre oferecendo seu olhar cravado em Cristo e dando total liberdade para que o “eu” do outro nasça: só tem essa audácia quem tem certeza de que é mesmo Cristo quem sustenta tudo, senão começamos a controlar. Por isso posso dormir em paz, só não posso ficar sem ver, ouvir, tocar a brisa da sua Presença. Então, termino te agradecendo do fundo do meu coração, por me ensinar a fazer um caminho em que a “antecipação da graça definitiva” se torna cotidiana. O que vai acontecer agora diante das novas coisas eu não sei, mas no ano que vem eu sei que vou querer muito te contar.

**Carrón:** Obrigado! É muito bonito, amigos, ver que ninguém pode evitar que aconteça uma crise familiar, ou que uma pessoa fique sem trabalho ou que adoça. E ver que não estamos derrotados por nenhuma circunstância, mas que essa circunstância, mesmo uma crise familiar, pode ser a oportunidade para redescobrir o que é a vida. E isto é o que pode tirar de nós o medo de enfrentar qualquer situação, seja ela qual for, pois a questão não é que essas coisas não aconteçam, mas que muitas vezes, como dizia a Cecília, o nosso eu desapareceu e já não estamos mais presentes diante do que nos acontece. Vivemos formalmente, com muito formalismo, vivemos com tédio a realidade. E quem primeiro vê isto é a pessoa, depois o marido. Porque nós decaímos do ímpeto com que começamos algo e podemos deixar que tudo se paralise e se perca o frescor do início. E isto pode se converter numa desgraça ou, como nos dizia Cecília, numa oportunidade. Uma oportunidade para redescobrir “mas eu, o que quero?”, ou seja, para mover o meu coração, para mover o meu eu, para sair desse formalismo, para sair desse bloqueio do nosso eu que nos faz morrer de sofrimento. Então, uma crise pode se converter na ocasião da nossa salvação, pois, como ela dizia, isso me faz pobre, me faz dar-me conta da minha pobreza. E assim me ponho a aprender aquilo que eu pensava já saber.

Já disse muitas vezes que essa frase explica aquilo que salvou a minha vida. Porque eu fui para o seminário muito pequeno, com 10 anos; depois fui ordenado padre com 25 anos; fiz meu doutorado em teologia e, depois de dez anos de sacerdócio, percebi que algo não funcionava (podem chamar de crise ou do que quiserem, mas havia algo que não funcionava). Quando encontrei o Movimento, eu me dei conta de que tinha de aprender aquilo que eu pensava que já sabia. Porque eu tinha estudado todas essas coisas no seminário e na teologia, mas tive de reaprender (assim como Cecília, desafiada pela realidade) já



Padre Julián Carrón (no centro) durante a assembleia em São Paulo.

que algo não funcionava. E essa foi uma das maiores graças da minha vida! Porque me tirou o medo de que me aconteça uma crise, de que me aconteça algo, de que algo me desafie. E aquilo não foi nada em comparação aos desafios que estou vivendo agora; foi uma coisa pequena para me treinar para outros desafios maiores. Aquilo começou a me treinar, começou a fazer com que meu eu não estivesse formalmente na realidade, mas que começasse a usar a razão, a usar a liberdade para responder, para ver como se vivia, para aprender o que eu pensava já saber. E por isso, agora, eu posso lhes comunicar algo por causa do caminho que fiz. Se não tivesse acontecido isso, eu não teria nada para lhes dizer, eu mesmo estaria derrotado. Ao contrário, se a pessoa aceita o desafio da realidade, a crise, a crise do casamento, a perda do trabalho, a tristeza, a solidão, a doença, a confusão, tudo, qualquer coisa, é um desafio para responder “mas eu, o que quero?”, porque eu sou maior que todas essas coisas. E o Senhor, que é grande, que poderia nos poupar, às vezes não nos poupa dessas coisas que nos desconcertam para nos salvar, para nos despertar! O que nos mantém acordados são esses desafios! Por isso me encanta ler em Dom Giussani que tudo o que é permitido pelo Mistério na vida é para o nosso amadurecimento, para que crescamos como pessoas, para adquirir uma consistência na vida a ponto de poder enfrentar qualquer crise, qualquer dificuldade, qualquer desafio. Sem que sejamos desafiados, o nosso eu fica adoentado, frouxo, não tem nervos, nem músculos. Ao contrário, quando a vida nos desafia, temos de utilizar toda a nossa energia, toda a nossa criatividade, toda a nossa inteligência, todo o nosso eu, e começamos a descobrir quem somos, que possibilidade tem a vida, que intensidade pode-se adquirir, que tipo de relação posso ter com a minha mulher ou com o meu marido, que relação mais intensa posso ter com os amigos, que capacidade de me maravilhar com as coisas, de olhá-las, que capacidade de alegria e de gozo! Isso é outra vida! Cada um precisa decidir na vida: se quer viver na

letargia, ou se não quer “perder a vida vivendo”, como disse Eliot. Eu não quero perder a vida vivendo, eu quero ganhar a vida vivendo. Mas para isso preciso ser protagonista. Cristo veio para nos fazer protagonistas, por isso temos de fazer um caminho.

**Bracco:** *Nós falamos algumas vezes a respeito disso – essa questão do caminho – e isso gerou muitas perguntas. Você falou “Não esperem um milagre, mas um caminho”. Como é que podemos entender mais isso?*

**Carrón:** Eu repeti muitas vezes essa frase nestes últimos tempos. Mas me aconteceu uma coisa neste ano que me ajudou a entender ainda mais. Certo dia, dando aulas na Universidade Católica de Milão, onde sou professor, explicava um dos capítulos de *O senso religioso*, mais precisamente o capítulo X, no qual Dom Giussani explica o maravilhamento diante da realidade. Depois da primeira aula, aproxima-se de mim um aluno e me diz: “Professor, eu entendo muito bem o que você disse”, e me contou o que lhe tinha acontecido: “Há alguns meses sofri um acidente de moto e quando acordei – percebendo o que tinha me acontecido, no hospital – percebi que eu vivia, que eu estava vivo, fiquei extremamente maravilhado, e me dei conta do que significava o fato que eu tinha dado por óbvio: o fato de que eu vivia, a alegria de me sentir vivo”. Quantas vezes na vida ele tinha se levantado sem um minuto dessa alegria que experimentou naquele dia por se dar conta de que vivia, depois do acidente. E depois ele me disse com tristeza: “Mas depois tudo foi se enfraquecendo e essa alegria e consciência com que me despertei naquele dia, foram se enfraquecendo até que hoje, pela manhã, acordei como das outras tantas vezes. E quando o ouvi falar dessas coisas na aula, novamente acordei e percebi que tinha voltado à maneira de antes, à formalidade de antes, à rotina de antes. Já acordo sem me surpreender contente por existir”. Então entendi por que Dom Giussani repetia aquela frase “amigos não esperem um milagre”, pois afinal esse garoto tinha recebido um milagre, o milagre de poder acordar depois do acidente e surpreender-se com o fato de viver, de sentir toda a alegria de viver. Mas com o tempo, isso se enfraqueceu novamente. Entendi por que Dom Giussani sabiamente dizia “não basta o milagre, amigos”. Se não fizermos um caminho, se não aprendermos a acordar de tal forma que nos surpreendamos com o fato de viver, se não nos educarmos e nos ajudarmos a tomar consciência, quando acordamos, a surpreendermos-nos de que a vida nos é dada novamente nesta manhã – e isto significa fazer um caminho – voltaremos novamente, depois do milagre, à formalidade de antes.

Na vida dos homens, nada é automático, precisamos aprender isso. Um olhar assim para a vida não acontece milagrosamente, acontece se nos educamos a um olhar, a uma forma de viver a realidade em que novamente

nos surpreendemos. Como cantamos na música *Amare ancora*: “Que amargura quando vejo as coisas como tantas vezes, quando me esqueço de que nasci, de que a vida me é dada e que desilusão viver a vida com este coração. Bastaria voltar a ser criança”. As crianças se surpreendem com tudo. Isso que é tão fácil de ver em uma criança, em um adulto é algo quase inconcebível, impossível aos homens. Por isso Jesus disse que se não formos como crianças não poderemos entrar no reino dos céus, não poderemos entrar nesta vida na qual tudo está diante de nós, mas não nos damos conta. Não é que não tenhamos a vida a cada manhã quando acordamos, é que não nos damos conta de que nos é dada e, portanto, não nos enche de alegria o fato de descobrir que ela nos é dada hoje, assim como nos é dada a vida do nosso marido, da nossa esposa, dos nossos filhos. Queremos estar juntos para fazer esse caminho, para que a vida possa ser vivida como o primeiro dia, para que não nos acostumemos.

A sociedade em que vivemos hoje nos faz milhares de propostas, nos promete tantas coisas: “Por que fazer um caminho, por que não vamos nos divertir?”. É mais fácil entrar nessa bagunça da vida moderna, e uma pessoa depois de 30 anos tem de recomeçar, como a amiga da Sílvia e cada um de nós, porque cada um de nós está na vida para não perdê-la, para que depois de 30 anos não estejamos na situação de que perdemos a vida vivendo, mas para que ao final de cada dia possamos dizer que ganhamos a vida vivendo. E não podemos fazer isso sozinhos, precisamos ser sustentados por um lugar como este. Por isso, o maior desafio é querer viver. O problema de seguir Cristo é que precisamos desejar viver, o problema do homem cristão é que precisa de quem não se conforme com menos daquilo que o coração deseja. Dom Giussani dizia que o cristianismo tem um inconveniente: precisa de homens e mulheres que desejem viver. Porque Cristo só interessará a quem não se conforma com a monotonia, a quem queira viver.



**Cleuza (São Paulo):** *Eu morava numa casa muito boa, mas o Marcos quis comprar uma casa melhor, então compramos um apartamento na planta. Depois colocamos o apartamento em que morávamos à venda, achando que demoraria muito para fechar a venda, mas no dia seguinte ele estava vendido, porque o vizinho o comprou. Tivemos de desocupá-lo e mudar de lá e fomos morar num apartamento de 50 metros quadrados que eu não queria reformar pelo fato de ser algo provisório. Era novembro. Pensei em ficar na praia novembro e dezembro e em março tudo se resolveria. Passaram janeiro e fevereiro e o nosso apartamento ➤*

» não foi entregue. Os dias foram passando e eu me via muito desesperada, porque eu encaixotei as minhas coisas, guardei uma parte na Associação, outra em outros lugares e, aos poucos, já não sabia onde elas estavam, eu já não tinha mais nada, já que era tudo provisório.

Chegamos aos Exercícios da Fraternidade e eu estava muito triste, só queria chorar, para mim nada mais valia a pena, afinal eu não tinha casa, só tinha dois pratos, dois copos, justo eu que tinha uma casa e tantas coisas. Mas nos Exercícios da Fraternidade você nos dizia “onde está a sua consistência? Em que você aposta a sua consistência?”. Então eu voltei pra casa e percebi que vamos à ARAL, aos Exercícios e parece que entendemos tudo. Você fala do trabalho pessoal, estamos na reunião e tudo está bem, entendemos tudo, o Movimento é maravilhoso, eu tenho amigos que me ajudam no caminho, eu tenho a minha Fraternidade. Mas depois chega uma hora em que vemos um problema e vemos que não está tudo bem. Então, eu pensei: e o trabalho de que o Carrón fala? Onde eu coloco a minha consistência? Se para mim Cristo é tudo, eu não posso estar triste e desesperada. Então, partindo disso, eu dei um passo à frente e disse: a minha consistência é Cristo. Eu tenho amigos, tenho a minha Fraternidade, eu tenho o Movimento que é o meu porto seguro. Passei um ano morando num mini-apartamento e o problema não é o fato de que o apartamento é pequeno, eu não tenho nada lá dentro, não compro nada porque estou esperando que um dia o meu apartamento saia. Com isso eu descobri que eu não preciso de nada, se eu passei um ano sem as minhas coisas é porque eu não preciso do que tenho. Esse fato me ensinou onde realmente está a minha consistência. Se eu não tivesse o caminho no Movimento, hoje seria muito difícil pra mim. Nós temos ido às reuniões do prédio, as pessoas choram, estão desesperadas, dizem que vão processar a construtora e dou graças a Deus que a minha consistência está em outro lugar.

Então quero agradecer muito, Carrón, pelo caminho de verdade que eu fui obrigada a fazer. E hoje eu sei onde está o meu coração e a minha consistência. Agradeço muito aos meus amigos da Fraternidade que têm me ajudado e ao Movimento que me ajudou a fazer um caminho. Obrigada, Carrón!

**Carrón:** Obrigada! Porque isto é um exemplo de como o Senhor que nos fez encontrar Cristo e o Movimento nos faz descobrir quem é Cristo e o que é o Movimento através dos desafios normais da vida de todos os dias. Como disse Cleuza, tudo parece que vai bem, mas basta que atrase o fim da construção do apartamento e tudo se põe em discussão. Porém, esta pode ser a oportunidade para se perguntar “onde está minha consistência?”. Essa é a preciosidade do que vivemos, a nós nada é poupado, mas podemos enfrentar tudo. Dom Giussani diz que viver a vida como vocação significa caminhar rumo ao destino através das circunstâncias pelas quais o Mistério

nos chama. E quais são as circunstâncias? Estas: a data de entrega do apartamento adiada, a doença, os contratempos, a solidão, tudo isso pode ser a circunstância por meio da qual o Mistério me chama e me pergunta: “Onde está sua consistência?”.

Se o Mistério tivesse nos poupado não descobriríamos, nem mesmo tendo encontrado Cristo e o Movimento. Nós descobrimos o que Cristo significa respondendo aos desafios da vida. Ela, a Cleuza, descobriu o que escutou nos Exercícios da Fraternidade por meio desse desafio da data de entrega do apartamento. E isso é um caminho, amigos, porque o Senhor não quer gerar uma estrada de obstáculos, quer gerar em nós um eu, uma pessoa tão consistente que possa desafiar qualquer obstáculo. Essa é a promessa de Cristo, que com Ele a vida adquire uma consistência tal que podemos olhar tudo, desafiar tudo sem medo. Porque quando Cleuza deu seu testemunho, lembrei-me dos nossos amigos na Itália que passaram pela situação do terremoto. Para eles a casa foi destruída, desabou, viram como a terra tremia sob seus pés. E quando as pessoas fazem esse caminho chegam ao ponto de dizer: “Ainda que a terra trema eu confio em Ti, Cristo, eu tenho a minha consistência em Ti, Cristo”. Esta é a promessa: a possibilidade de gerar uma pessoa que sabe qual é sua consistência, ainda que a terra trema. E a terra pode tremer fisicamente, ou pode tremer a nossa vida, ou a nossa relação ou qualquer coisa, mas nós sabemos que podemos olhar tudo de frente porque sabemos qual é a nossa consistência. E cada coisa que olhamos nos dá uma consistência maior. E assim poderemos dizer com São Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo?”. Nem a morte, nem a vida, nem os tremores, nem a perda do trabalho, nada nos pode separar d’Aquele que nos dá a consistência, que é o Amor a Cristo. E São Paulo pode dizer isso porque não foi poupado de nenhuma tribulação. Foi perseguido, torturado, passou frio e fome, e aí, em meio a todas as dificuldades, crescia nele uma certeza de que podia colocar ali toda a sua consistência. Se o tivessem poupado, São Paulo não teria a certeza de poder dizer: “Nada poderá me arrancar do amor a Cristo, nada pode me separar, romper o vínculo que me dá a consistência. Porque estou convencido com uma certeza total que nem a morte nem a vida vão me separar do amor a Cristo”. Esta é a promessa! Quem está interessado um milímetro por essa certeza, por esta consistência na vida? Nós estamos juntos porque queremos essa consistência, não porque queremos que a vida seja mais cômoda, queremos essa consistência, essa certeza.

**Bracco:** Obrigada a todos pelos testemunhos e obrigado a você, Carrón, por ser testemunha para nós. Testemunha viva do que é fazer esse caminho. Acredito que em todos, dá vontade de começar a percorrê-lo, porque faz bem! **P**